

A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE



marcus do rio teixeira

a feminilidade na psicanálise

e outros ensaios

SALVADOR, 2020 2ª EDIÇÃO

ágalma

© MARCUS DO RIO TEIXEIRA, 1991, 2020

2ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA, 2020

1ª EDIÇÃO, 1991

Depósito Legal. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito, exceto para fins de citação em artigos ou livros.

EDITOR Marcus do Rio Teixeira

REVISÃO Solange Mendes da Fonseca

CAPA E COMPOSIÇÃO GRÁFICA Marcus Sampaio

ILUSTRAÇÃO *Folha de parreira fêmea*, Marcel Duchamp, 1950 (escultura em bronze)

ÁGALMA PSICANÁLISE EDITORA LTDA

Av. Anita Garibaldi, 1815

Centro Médico e Empresarial,

Sala 401-B, Salvador - Bahia

40.170-130

(71) 3332-8776 (71) 3245-7883

agalma@agalma.com.br

 Agalma-Psicanalise

www.agalma.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T266f Teixeira, Marcus do Rio

A Feminilidade na Psicanálise e outros ensaios. / Marcus do Rio Teixeira. – 2. ed. – Salvador: Ágalma Psicanálise, 2020.

221 p. ; il.; 14x21cm.

ISBN 978-65-86488-00-5. (Broch.).

1. Psicanálise – Ensaios. 2. Feminilidade – Psicanálise – Ensaios. I. Título.

CDD – 616.8917

CDU – 159.964

Ficha Catalográfica elaborada por Roseli dos Santos Andrade Araújo CRB/5 1125.

“[...] *usque adeo incerti tabescunt volnere caeco.*”

“[...] de tal modo estão incertos acerca da
invisível ferida que os põe doentes.”

LUCRÉCIO, DA NATUREZA

Sumário

a feminilidade na psicanálise

PREFÁCIO

[9]

A FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE

[19]

AMOR, DESEJO E GOZO NA CONTEMPORANEIDADE

[153]

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA?

[191]

EMMA WATSON E A “MULHER-OBJETO”

[197]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[200]

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO *Marcus do Rio Teixeira*

Do mesmo modo é preciso indicar o que se vê de vestígios do mais-além inquebrantável do gozo feminino no mito masculino de seu pretenso masoquismo. (Jacques Lacan¹).

A feminilidade retorna à cena. A afirmação pode parecer estranha – afinal, a feminilidade jamais deixou de estar na moda, de estar presente na cena social, nos discursos, muito menos, é claro, de existir na vida de cada mulher. Contudo, no cenário psicanalítico, nos últimos anos, ela havia cedido lugar a outros temas que despertavam mais a atenção. Ultimamente, vemos surgir, aqui e ali, textos e debates que retomam esse tema. Podemos pensar que isso se deve em parte às discussões sobre o feminismo e ao papel das mulheres na sociedade.

Como se situa a psicanálise nesse debate? É preciso considerar que, diferentemente da multiplicidade de teorias que abordam a feminilidade a partir de pontos de vista históricos, políticos, sociológicos, etc., a psicanálise não se propõe como um saber que toma o sujeito enquanto objeto, mas, ao contrário, situa-o como inseparável da própria construção da teoria. Há que se considerar, portanto, como cada mulher se pensa na sua condição feminina. Tampouco se trata de apontar um caminho, uma solução para problemas, sejam sociais ou da vida privada. Por não se inserir em nenhum dos discursos que põem em marcha os laços sociais, a psicanálise

1 LACAN, Jacques. Introdução aos Nomes-do-Pai [1963]. In: _____. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 57-87. p. 68.

é alvo das mais diversas críticas desde as primeiras publicações de Freud. Estas persistem até hoje, apenas com o sinal trocado – se, no seu início, Freud era acusado de “pansexualista”, hoje é chamado de “conservador”.

É preciso não esquecer que, se é possível criticar Freud nos dias de hoje, isso se deve, em grande parte, à sua honestidade intelectual, que o levou a expor nos seus textos suas dificuldades clínicas, seus impasses teóricos, sem ocultar nada dos leitores. Por isso é cômico, para dizer o mínimo, ler autores que se gabam do grande feito de apontar erros de Freud que eles na verdade transcrevem dos próprios textos freudianos. Porém o mais estranho é encontrar esse tipo de crítica hoje em dia não apenas em panfletos daqueles que há décadas anunciam a morte da psicanálise, mas em textos escritos por psicanalistas que, numa espécie de “fogo amigo”, chamam Freud de “misógino” e “defensor do patriarcado”.

Lembramos a esses novos detratores de Freud que, mesmo com as imperfeições próprias do início de toda teoria, no que concerne à sexualidade, a grande inovação teórica trazida pela psicanálise consistiu em resgatá-la do enfoque estritamente biológico e pensá-la numa dimensão que Lacan, anos mais tarde, reconheceria como estrutural. O ganho mais evidente da teoria freudiana consiste em diferenciar a sexualidade dos seres da linguagem e as condutas sexuais dos animais, estas últimas determinadas pelo instinto. Este é um ponto comumente citado quando se fala sobre a sexualidade na perspectiva freudiana. Mais sutil é a compreensão da forma como as leis da linguagem determinam o sexual no humano.

Busquei sinalizar esses aspectos na primeira edição (1991) do ensaio que dá título a este livro, *A feminilidade na psicanálise*, o qual foi escrito a partir de um seminário fundamentado nos textos clássicos freudianos sobre a sexualidade feminina e no estudo do mesmo tema no ensino de Jacques Lacan. Esta segunda edição surgiu de uma mera revisão ortográfica com o intuito de corrigir erros que haviam passado. É claro que eu devia ter o desejo de reescrever o original, pois foi exatamente o que me surpreendi fazendo. Apesar de a minha opinião não ser isenta, achei que o ensaio

continha algumas ideias que mereciam ser postas em circulação mais uma vez, acrescentando o resultado de estudos posteriores à primeira publicação e trazendo novas questões que ganharam peso na atualidade.

A princípio, mantive o arcabouço do primeiro texto: a abordagem histórica do tema em Freud, seus primeiros estudos sobre o Édipo feminino, culminando nos textos dos anos 30. Em seguida, trago a releitura do Édipo feita por Lacan a partir de referências teóricas distintas daquelas de Freud e que, num primeiro momento, visava resgatar a teoria freudiana do terreno confuso em que ela havia sido lançada pelas leituras dos pós-freudianos. Lacan, assim como Freud, é atualmente objeto de um preconceito, embora diferente: a teoria lacaniana é frequentemente considerada por aqueles que dela se aproximam como hermética, demasiadamente abstrata e desconectada da clínica.

Entendo a posição dos jovens que se aproximam da teoria de Lacan, porque me lembro das minhas próprias dúvidas quando comecei, em 1980, a leitura mais sistemática dos seus artigos e seminários. Por isso considero que a minha responsabilidade na transmissão da psicanálise é não dificultá-la ainda mais, evitando uma retórica pomposa, ostentosa, um estilo farfalhudo, a pretexto de fazer uma leitura “poética” dos conceitos lacanianos.

Procurei comentar as teses lacanianas em seus aspectos históricos e teóricos, mostrando como, nos primeiros anos do seu ensino, Lacan se dedica a formular o Édipo em tempos lógicos, buscando destacar o papel do significante do Nome-do-Pai, e despsicologizar a ameaça de castração a partir da sua definição do falo como significante. Os acréscimos desta edição se concentram, sobretudo, na sua teoria dos gozos e nas chamadas fórmulas da sexuação. Aqui também busquei contextualizar a construção do conceito de gozo, mostrando as suas modificações ao longo do ensino de Lacan, culminando na definição do gozo fálico e do gozo do Outro.

Quanto às fórmulas da sexuação, meu esforço foi o de comentá-las em uma linguagem acessível, o mais clara possível, sem perder o rigor teórico. Destaco a inovação introduzida por Lacan, que

consistiu em definir a alteridade feminina, conferindo-lhe um lugar teórico que a teoria freudiana não chegou a elaborar. A concepção do quantificador dito *não-todo fálico* rompe com a dicotomia *fálico/não fálico* elaborada por Freud. Minha preocupação foi não me limitar a mencionar essa concepção, mas avaliar suas implicações, seus problemas, procurando sempre me basear numa ampla coleta de referências do próprio Lacan.

Quis trazer também os comentários de autores que seguem o ensino de Lacan, independentemente de sua vinculação a diferentes escolas, porque considero que tais comentários abrem trilhas, nesse ensino, que nos auxiliam a percorrê-lo. A primeira edição deste texto é marcada pelas teses de *Nouvelles études sur l'hystérie*², de Charles Melman, obra que muito influenciou a minha formação. Mantive as citações desse livro, que, anos depois, continuo considerando pertinentes e esclarecedoras, acrescentando citações de textos mais recentes desse autor que trazem observações importantes acerca da sexuação.

Revisitando outros textos que havia citado na primeira edição, eu me deparei com reflexões muito importantes, que incluí na presente edição. Também tive o prazer de reler textos da época em que escrevi o ensaio, nos quais encontrei observações preciosas como, por exemplo, o artigo de Catherine Millo³ sobre o supereu feminino enquanto sustentado num homem, e outro de Martine Lerude⁴, no qual a autora fala, com grande pertinência clínica e teórica, sobre a forma como uma mulher lida com o tema da beleza e sobre a importância do narcisismo feminino.

Também acrescentei citações de obras publicadas após a primeira edição e que trazem contribuições valiosas. Entre estas, o livro de

Marie-Christine Laznik, *O Complexo de Jocasta*⁵, um estudo profundo acerca da menopausa sob uma perspectiva psicanalítica, que abrange na verdade toda uma releitura do tema da feminilidade em Freud, nos pós-freudianos e em Lacan. O livro fino (nos dois sentidos) de Eliana dos Reis-Betancourt, *Prostituição: o eterno feminino*⁶, comenta a fantasia de prostituição nas mulheres como uma forma de assumir o seu corpo como capaz de suscitar o desejo masculino, rompendo certas inibições edipianas e propiciando o exercício das trocas eróticas. Leda Guimarães⁷ fala sobre o gozo feminino e a forma como ele toma o corpo da mulher diferentemente do gozo fálico. Certamente há outras obras importantes, às quais não tive acesso até a conclusão deste ensaio.

Além dessas, é claro, cito o livro de Colette Soler, *O que Lacan dizia das mulheres*⁸, que considero a obra mais importante escrita sobre o tema nos últimos anos e que, na minha opinião, contém avanços teóricos e clínicos que ainda não foram estudados como merecem. Se o fossem, quem sabe, seríamos poupados de certa produção acadêmica de qualidade duvidosa sobre a teoria lacaniana da sexuação.

Dito isso, quero lembrar que abordei também questões que ganharam relevância na atualidade e, com as quais, nós, psicanalistas, nos defrontamos em nossa clínica cotidiana e na sociedade. Sim, pois grande parte de tais questões concerne ao tema aqui abordado: a feminilidade. “Quem quer a feminilidade hoje?”⁹ – pergunta Charles Melman. A provocação é perfeitamente justificada. O incômodo dos homens com a alteridade feminina não data de ontem. Falta um lugar para esses seres não-todos fálicos, que,

2 MELMAN, Charles. *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris: Joseph Clims: Denoël, 1984.

3 MILLOT, Catherine. Le surmoi féminin. *Ornicar?*, Paris, Navarin, n. 29, p. 111-124, 1984.

4 LERUDE, Martine. Belle ou pas belle, une question analytique? *Bulletin de l'Association freudienne internationale*, Paris, Éditions de l'A.F.I., n. 76, p. 11-14, jan. 1998.

5 LAZNIK, Marie-Christine. *O Complexo de Jocasta: a feminilidade e a sexualidade sob o prisma da menopausa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

6 CALLIGARIS, Eliana dos Reis. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2006.

7 GUIMARÃES, Leda. *Gozos da mulher*. Petrópolis, Rio de Janeiro: KBR, 2014. p. 74.

8 SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

9 MELMAN, Charles. *Qui est le criminel?* Editorial do site da Association Lacanienne Internationale. Disponível em: www.freud-lacan.com. Acesso em: 5 out. 2019. Tradução minha para o trecho citado.

pela sua simples existência, negam o universal que ordena a relação dos seres da linguagem com o mundo desde a Antiguidade. Daí as tentativas insistentes feitas pelos homens para transformar as mulheres em seres todos fálicos, espécie de companheiros semelhantes a eles, nos quais possam se espelhar.

A grande novidade é que, atualmente, essa tentativa de apagar a feminilidade não é oriunda exclusivamente de um esforço masculino. Uma atitude muito em moda consiste em “denunciar” condutas e estilos como “estereótipos culturais”. A feminilidade ocupa um dos primeiros lugares dessa lista. Uma mulher culta e bem informada acerca das tendências do seu tempo aprende que sua conduta, seus traços, seus anseios, suas inquietações são, na verdade, uma imposição da cultura patriarcal. Há, inclusive, autoras que consideram o fato de o seu corpo despertar o desejo masculino como algo negativo. Outras, como Catharine MacKinnon, radicalizam afirmando que, para uma mulher, o ato sexual (heterossexual), mesmo com o seu consentimento, é equivalente ao estupro: “[...] a maior diferença entre o ato sexual (normal) e o estupro (anormal) é que o normal acontece com tanta frequência que não é possível fazer as pessoas perceberem algo de errado nele”¹⁰.

Permeando as estranhas opiniões acima citadas, é perceptível a influência de uma concepção de cultura que pressupõe, sem enunciá-la, a existência de um sujeito encapsulado que se situaria ante a cultura em uma posição de exterioridade. Perguntar não ofende: como esse sujeito pôde se constituir “fora” da cultura para, em seguida, senti-la como invasiva? Se não aceitamos mais a ideia de uma natureza no humano, o que viria se contrapor aos ditos “estereótipos”? A *espontaneidade*, a *subjetividade*, o *eu*? Indiferente a tais contradições, essa concepção prolifera. A psicanálise nos mostra, contudo, que o sujeito é constituído pelas leis da linguagem, as quais, ainda que sejam anteriores e exteriores, não podem ser separadas de si. Não há um “dentro” e um “fora” da cultura.

10 MacKINNON, Catharine. *Frases de Catharine MacKinnon*. Disponível em: <https://citacoes.in/autores/catharine-mackinnon>. Acesso em: 11 out. 2019. Tradução minha para a citação.

Acrescente-se a tal concepção outra moda cultural recorrente quando se trata de temas como esse: o chamado *lugar de fala*. Essa noção estabelece que somente os sujeitos que experimentam na própria pele a condição a ser discutida estariam aptos a falar sobre ela – no presente caso, somente mulheres poderiam falar sobre a feminilidade. Ao que parece, os defensores de tal princípio não se dão conta – ou não se importam – com as implicações lógicas da sua aplicação. Entre estas, a extinção de campos inteiros do conhecimento, como a Antropologia – afinal, como antropólogos brancos poderiam falar de costumes de tribos indígenas, por exemplo?

O lugar de fala chega até mesmo a obras de ficção. Recentemente, a escritora norte-americana Jeanine Cummins foi criticada por haver incluído como protagonistas do seu romance *American Dirt* uma mãe e seu filho, ambos mexicanos, sendo ela própria uma mulher branca. Segundo os críticos, ela “[...] não tinha lugar de fala para criar o livro.”¹¹

Não fosse o absurdo desse exemplo um argumento suficiente para rejeitarmos esse raciocínio esdrúxulo, lembramos que, no caso específico da feminilidade, a psicanálise nos mostra que o sexual não é algo que brota espontaneamente para os *falasseres*, mas que ele vem do Outro. Jean-Paul Hiltenbrand afirma que esse surgimento do sexual a partir da interpelação do Outro é sentido pelo sujeito como traumático.

O campo do sexual privilegia essa operação, na medida em que o sujeito encontra essa lei do Outro que o expulsa, de algum modo, da operação, como sujeito consciente. A heteronomia inscreve de saída o encontro sexual em uma dimensão traumática para o sujeito consciente, para o eu, etc., a saber, no primeiro momento, ele é

11 MOLINERO, Bruno. Como respeitar o lugar de fala ao escrever um livro de ficção. *Folha on line*, jan. 2020, Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/como-respeitar-o-lugar-de-fala-ao-escrever-um-livro-de-ficcao.shtml>. Acesso em: 5 fev. 2020.

acontecimento sofrido; no segundo, ele institui uma relação com o Outro, com sua lei, com seu desejo.¹²

Portanto, nada impede que homens e mulheres falem sobre a feminilidade e/ou a masculinidade, uma vez que não estão falando de uma propriedade inata, mas de algo que lhes chega proveniente do Outro.

Essa temática nos conduz a uma discussão imprescindível nos dias de hoje, que é a noção de *gênero*, popularizada a partir do livro de Judith Butler, *Problemas de gênero*¹³. Trata-se de um tema que costuma despertar polêmica. Procurei evitar um juízo prévio, favorável ou contrário – como é comum hoje em dia. Prefiro enfocar a questão de um ponto de vista teórico: qual a concepção da sexualidade e da sexuação que sustenta tal noção? Qual a relação entre tal concepção e aquela presente na teoria lacaniana da sexuação? Trata-se de uma relação de igualdade, de complementaridade ou de divergência? Em qualquer uma das hipóteses, como e por quê? O método adotado para responder a tais questões foi cotejar definições de Butler e de Lacan, visando extrair a concepção de cada autor.

O tema do gênero nos conduz a outro tema correlato, a transexualidade, que é também discutida numa perspectiva histórica – trazendo as primeiras abordagens na psiquiatria e na psicanálise, além de contribuições de autores contemporâneos. Também comento suas implicações clínicas, destacando o caso das crianças diagnosticadas pela medicina com disforia de gênero, as quais podem ser submetidas ao bloqueio hormonal da puberdade.

Para finalizar, acrescentei três textos relacionados ao tema principal. O primeiro é o resumo de um seminário proferido em 2019, atendendo a um gentil convite da Associação Psicanalítica de Curitiba, sobre “Amor, desejo e gozo na contemporaneidade”. O título é

12 HILTENBRAND, Jean-Paul. Heteronomia do desejo. In: CHASSAING, Jean-Louis et al. *Desejo de homem. Desejo de mulher?* Porto Alegre: CMC, 2009. p. 61-73. p. 61.

13 BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

autoexplicativo, a abordagem, espero que não seja óbvia. Os outros dois textos foram publicados no meu perfil no *Facebook*. São textos curtos, escritos em um estilo mais leve, visando uma comunicação mais rápida. As redes sociais são o território, por vezes hostil, onde se expõem as visões de mundo da nossa época. Creio que o psicanalista não deve nutrir um preconceito em relação a essa ágora contemporânea, expressando a sua opinião acerca de temas da psicanálise, desde que não ceda ao simplismo.

Enfim – como já é quase um clichê afirmar –, os textos, uma vez publicados, fogem ao controle do autor. Doravante, estão expostos à leitura, ao comentário, à crítica. Os meus se colocam aqui, sob o título original, porém diferentes, para sua leitura. Se eles trouxerem alguma contribuição ao estudo do tema, esta será a minha satisfação de autor, sabendo que o assunto não pode ser simplesmente esgotado, que as questões permanecem em aberto, como aponta Marisa Fiumanó.

Para as mulheres, reitera-se a insatisfação que Lacan chamou de “ainda”. Se não se tomar esse *ainda* do lado do gozo, do famoso “gozo Outro”, mas do lado do desejo, do desejo que permanece em tensão, o que é que uma mulher busca, ainda e teimosamente, no campo do desejo sexual e do amor?¹⁴

14 FIUMANÓ, Marisa. Como uma mulher se autoriza a desejar? In: CHASSAING, Jean-Louis et al. *Desejo de homem. Desejo de mulher?* Porto Alegre: CMC, 2009. p. 39-47. p. 42.